

A MODERNIZAÇÃO DO CAMPO NO CERRADO E AS TRANSFORMAÇÕES SOCIOESPACIAIS EM GOIÁS

THE MODERNISATION OF THE FIELD IN THE CERRADO AND TRANSFORMATIONS SOCIO-SPATIAL ON GOIAS

Manoel Calaca

Professor do Instituto de Estudos Sócio-Ambientais - IESA - UFG
manoelcalaca@yahoo.com.br

Wagner Alceu Dias

Mestre em Geografia pelo Instituto de Estudos Sócio-Ambientais - UFG
wagneralceudias@msn.com

Resumo

O potencial econômico derivado da agroindústria foi potencializado pelo processo de modernização dos meios de produção na agricultura, transformando assim a paisagem do Cerrado. A partir da década de 1980, assistimos à territorialização do capital no Cerrado via agronegócio. Goiás foi capturado pela lógica da produção do capital devido às vantagens comparativas de suas terras. A estrutura agrária de Goiás foi conduzida pela atratividade das áreas do Cerrado, que promovem a reorganização produtiva do território. A agricultura familiar, reconhecida no passado como atividade responsável pelo abastecimento interno da população brasileira, é capturada e desarticulada pelo agronegócio. O setor agropecuário, em Goiás, é inteiramente responsável pela consolidação da infraestrutura necessária à instalação e concentração de indústrias. Embora a modernização do campo tenha promovido um expressivo desenvolvimento a Goiás, ainda há regiões que possuem grandes áreas de Cerrado em estado conservado, sendo consideradas como regiões pobres. Goiás se enuncia pela sua pujança da agropecuária, cujo desenvolvimento desigual e combinado reflete a lógica da expansão capitalista no Cerrado. O sul do Estado, articulado ao centro dinâmico do país, se industrializa e o norte se mantém como pecuarista e extrativista.

Palavras-chave: Goiás, Agronegócio, Agricultura familiar, Cerrado, Modernização do campo.

Abstract

The economic potential of derivative agribusiness has been augmented by the process of modernization means of production in agriculture, transforming the landscape of Cerrado. From the the 1980s saw the territorialization of capital in the Cerrado via agribusiness. Goiás was captured by the logic of capital due to production the comparative advantages of their land. The agrarian structure was conducted by

corporate finance areas of Cerrado, which promote the reorganization productive territory. Family farming, recognized in the past as internal activity responsible for supply of the Brazilian population, is captured and spineless by agribusiness. The agricultural sector, it is in Goiás fully responsible for the infrastructure necessary for the consolidation of installation and concentration of industries. Although modernization has field promoted a dramatic development Goiás, there are regions that have large areas of Cerrado in State preserved, being considered as regions poor. Goiás if sets for their livestock, whose strength uneven and combined development reflects the logic of capitalist expansion in the Cerrado. The South of the State, articulated dynamic country Centre, industrialized and the north remains as cattleman and extractive.

Keywords: Goiás, Agribusiness, Family farming, Cerrado, Modernization of the field.

Introdução

O presente artigo resulta das reflexões teórico-metodológicas realizadas durante a pesquisa referente à dissertação de mestrado em Geografia na Universidade Federal de Goiás – UFG¹ e pelo trabalho de campo realizado no mês de junho de 2008, nos municípios de Quirinópolis, Rio Verde, Jataí, Serranópolis, Mineiros, Chapadão do Céu (Goiás) e Alto Araguaia (Mato Grosso) na disciplina “Ambiente e apropriação da Região do Cerrado”, ministrada no programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás – UFG. Tem como objetivo refletir sobre o processo de ocupação das áreas do Cerrado, enfocando o Estado de Goiás a partir da análise das interações das diversas atividades econômicas sobre o processo de transformação socioespacial verificado em Goiás motivado pela modernização do território, fato que desencadeou uma série de inovações na produção agropecuária.

O estado de Goiás é marcado por contrastes regionais, estes são derivados da forma como foram introduzidos os primeiros capitais, o que causou uma diferenciação no grau de modernização do território, repercutindo na intensidade de degradação do Cerrado. Verifica-se que, nas regiões onde o desenvolvimento econômico se destaca ocorre a extinção do Cerrado. Áreas consideradas atrasadas, do ponto de vista econômico, possuem uma parcela significativa do Cerrado preservado, mas essa desigualdade não se confere como percalços à economia goiana, pelo contrário. O desenvolvimento desigual das regiões possui uma perfeita sincronia de atividades econômicas, fazendo de Goiás um grande produtor agropecuário.

O modelo de desenvolvimento econômico alarga-se em função da expansão do agronegócio nas áreas do Cerrado. Para isso, serão explicitados aspectos inerentes ao processo de produção e reprodução do capital, que tende a uniformizar a relação campo/cidade. Esta realidade evidencia-se pela extrema subordinação da agricultura às grandes indústrias. Assim, o agronegócio passa a ser um discurso dominante devido aos altos índices de produtividade de grãos e recentemente pela intensificação do cultivo da cana-de-açúcar, o que faz do Estado de Goiás, como também de todo o Centro-Oeste, área estratégica para o desenvolvimento do setor agrícola.

Entretanto, o Cerrado, um bioma rico em biodiversidade, algum tempo atrás, não oferecia condições necessárias à exploração agrícola em decorrência dos solos ácidos encontrados nesta região. Com o avanço e desenvolvimento das técnicas, as áreas do Cerrado passam a ser alvo do complexo agroindustrial, o que propicia uma nova reorganização produtiva no uso e apropriação do território.

Neste contexto a estrutura agrária de Goiás passa por transformações importantes, substituindo sua paisagem natural por monoculturas, adequando o tamanho das propriedades ao gênero de produção, agregando assim a agricultura familiar ao agronegócio.

No presente artigo reflete-se sobre o processo de ocupação do Cerrado, para em seguida analisar as transformações do espaço no contexto da integração das economias regionais e a expansão do agronegócio.

Ocupação do Cerrado e formação regional de Goiás

O povoamento e ocupação das terras do Estado de Goiás teve início com as entradas e bandeiras, que penetraram o sertão brasileiro a procura de ouro e pedras preciosas. Esse processo não obedecia a um roteiro prévio, mas era conduzido a partir de informações fornecidas pelos indígenas. A exploração do ouro foi responsável pela ocupação de grande parte das terras do Estado de Goiás, de forma direta nas áreas onde a presença do ouro dinamizava a economia, e indiretamente, nas áreas que se constituíam em rota de passagem e pouso das comitivas.

Embora o Estado de Goiás manifeste uma diversidade econômica, política e social, sua estrutura foi se formando através dos primeiros arraiais. A partir daí

desenvolveu-se gradativamente por fases econômicas, como a mineração, a pecuária, a agricultura, o agronegócio e a agroindústria. Estas últimas são consideradas como responsáveis pela projeção econômica do Estado.

Os municípios goianos não têm a mesma origem histórica. Alguns se constituíram a partir dos arraiais do ouro, do século XVIII, como a Cidade de Goiás, Pirenópolis, Traíras, Pilar e Crixás. Com a decadência das jazidas superficiais de ouro, verificou-se o desenvolvimento da pecuária, que contribuiu para a constituição de novos municípios; muitos destes são resultados da fragmentação daqueles surgidos a partir do extrativismo mineral.

Assim, extensas áreas do território goiano foram ocupadas em função da pecuária, dela derivando a expansão do povoamento e o surgimento de cidades como Itaberaí, inicialmente uma fazenda de criação, e Anápolis, local de passagem de muitos fazendeiros de gado, que iam em demanda à região das minas, e, que, impressionados com seus campos, aí se instalaram (DOLES, 1995, p. 12).

A construção da estrada de ferro, no início do século XX, teve papel importante para a formação de novos municípios como Itumbiara, Mineiros, Anicuns, Trindade, entre outros. (ESTEVAM, 1998).

Como visto, o Estado de Goiás teve seu povoamento sustentado por atividades econômicas e empreendimentos diferenciados por região. Conseqüentemente, compreender a diferenciação histórica, econômica, social e política que dá origem aos municípios e suas fragmentações, ao longo do tempo e do espaço, é primordial para a análise das especificidades da dinâmica regional.

Tradicionalmente, o Cerrado foi visto como um sertão longínquo e inóspito, praticamente abandonado “à própria sorte”. Desde a época da colônia portuguesa o sistema de produção alimentar no Cerrado era conduzido basicamente por uma força de trabalho familiar, explorando dessa forma as áreas mais férteis para a produção de grãos e uma pecuária igualmente extensiva. Por um lado, havia a grande propriedade, com criação de gado e plantação de alguns tipos de cultura e, por outro, as pequenas unidades de subsistência que, em geral, atendiam às necessidades básicas de manutenção da família rural.

Somente na década de 1940, durante o governo de Getúlio Vargas, houve a

primeira iniciativa de uma política de planejamento destinada à ocupação produtiva direcionada à região, a partir da implementação das colônias agrícolas nos Estados de Goiás e Mato Grosso. A extensão da estrada de ferro, que chegava a Anápolis (GO) estimulou a migração de produtores, principalmente do sul do país. Porém com esta primeira iniciativa pouco ou nada se alterou na estrutura fundiária regional, que funcionava mais ou menos dentro da seguinte ordem de distribuição territorial nas propriedades: as terras de melhor fertilidade eram destinadas ao cultivo das lavouras de arroz, feijão e milho, com menor expressão; já os chapadões, formados de uma vegetação arbustiva, e os campos eram destinados à pecuária e ao extrativismo, destacando-se a extração de lenha, de frutos e de várias espécies de plantas medicinais.

A partir da década de 1960, as terras do Cerrado tornaram-se fornecedoras de alimentos básicos, como arroz e feijão, tornando-se referência nacional em rizicultura. No decorrer do processo de expansão capitalista no campo, pelo domínio tecnológico na agricultura, inseriu o Cerrado no cenário econômico, despertando o interesse dos agroexportadores por suas terras, antes vistas como improdutivas. A partir dos anos 1970 começou a desenhar uma nova estrutura fundiária para a região, motivada pelo processo modernizador do espaço agrícola do Cerrado, o que Bernardes e Freire Filho (2006) chamam de casamento do espaço com a técnica. O processo iniciado nos estados do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, expandiu e ocupou aquelas áreas, definindo-se um padrão de tamanho médio das propriedades.

Já nos anos 1980, a agricultura intensiva tomou impulso na região, com a viabilização tecnológica do cultivo de soja e agora é a cana-de-açúcar, ela vai definir a estrutura fundiária, que mostra um perfil ainda mais claro quanto ao predomínio das grandes propriedades. Se no passado já existia a figura dos latifúndios e da terra concentrada, estes se mantiveram em razão dos incentivos oficiais, do preço das terras, das extensas áreas mecanizáveis, da disponibilidade de modernas tecnologias de produção em grande escala e da descoberta de corretivos do solo (calcário e fosfato).

Pode-se afirmar que a base da estrutura fundiária regional não teve grandes alterações desde a introdução do cultivo da soja no Cerrado, no final dos anos 1970 e início da década de 1980. Ou seja, persiste um quadro de grandes propriedades, favorecendo ainda mais o agravamento do problema da concentração de terras (Gráfico 01), com a conseqüente e crescente expulsão dos pequenos proprietários.

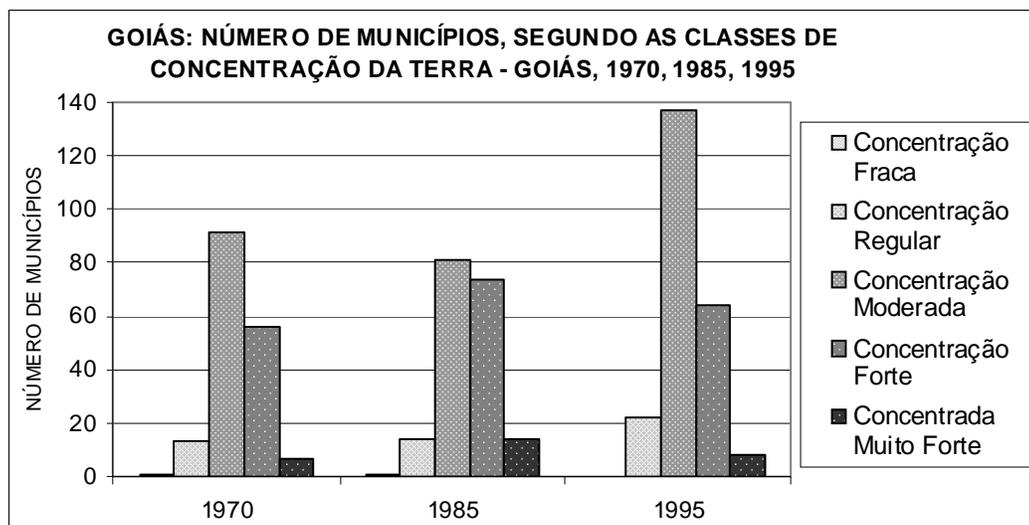


Gráfico 01 - GOIÁS: Número de municípios, segundo as classes de concentração da terra, 1970, 1985, 1995

Fonte: CALAÇA M. e RODRIGUES Ana P. C., 2003.
Org. CALAÇA, Manoel.

Segundo Calaça e Rodrigues (2005):

Pode ser verificado, através dos dados processados até agora, que o Estado de Goiás², no período de 1970 a 1996, manteve os mesmos níveis de concentração da terra, tendo apresentado um pequeno aumento do coeficiente de GINI; porém dentro da mesma categoria de terras: **Concentração Forte - CF [...]**. O coeficiente variou de 0,677 em 1970, para 0,712 em 1980 e 0,681 em 1995/96, situando-se entre os Estados brasileiros com os maiores índices de concentração da terra. Quanto ao conjunto de municípios do estado, é possível observar que, ao longo do período em questão, a concentração da terra pouco se alterou. A mesma continua concentrada, cuja classificação variou de **moderada a muito forte**, significando que nas últimas três décadas não houve ações que alterassem a distribuição desigual da terra em Goiás. Confirma-se pelos dados apresentados o caráter concentrador do modelo de desenvolvimento adotado pelo Estado brasileiro nas últimas décadas. (Grifo dos autores).

As políticas que viabilizaram a expansão agrícola no Cerrado, como todas as políticas agrícolas do país, foram diferenciadas por períodos caracterizados por discontinuidades ou interrupções, tendo como traço comum o caráter concentrador do modelo de desenvolvimento do país, com fortes impactos sócio-ambientais.

Não é mais uma novidade a afirmação de que a agricultura, tal como vem sendo conduzida após a revolução agrícola, é uma atividade potencialmente produtora de

externalidades. Por outro lado, é uma grande inverdade afirmar que tal modelo, com forte caráter produtivista, não deu certo.

O modelo, tal como foi idealizado, alcançou, e em muitos casos extrapolou as expectativas, porém, como já descrito, são inúmeros os custos advindos desta forma de produção. Elias (2003) pontua que a dubiedade das políticas públicas para o setor agrícola é perfeitamente identificável quando comparados os recursos destinados a programas ou projetos agroindustriais, como aqueles destinados à manutenção ou conservação dos recursos naturais. Estes dois modelos de desenvolvimento caracterizam claramente as contradições do governo brasileiro, quando se refere ao desenvolvimento e à sustentabilidade.

Apesar das várias críticas envolvendo as práticas do atual modelo concentrador de produção, de terra e de renda, esse processo de modernização promove uma interação entre diversos setores produtivos, possibilitando a aglutinação de capital, tal como avança sob o campo, articulando de forma subordinada a agricultura à indústria, caracterizado como práticas de desenvolvimento. Porém, nos resta analisar as políticas públicas e entender como se opõe as áreas no Cerrado, com tendências à modernização e outras que dispõe de uma vasta área com ambientes naturais conservados. Dessa forma, o primeiro é divulgado e conhecido como áreas em desenvolvimento, já o segundo, caracteriza-se como atrasado³ e pobre. Diante a oposição, as políticas públicas, tendem a integrar/subordinar as referidas áreas num só processo produtivo, assim como trata o próximo item.

As transformações do espaço agrário e a integração/subordinação das economias regionais goianas

O Estado de Goiás é palco da expansão de atividades agrícolas advindas do sudeste brasileiro. Destaca-se atualmente pela produção agropecuária, pois é o quarto maior produtor de grãos do país. A agricultura passou por profundas transformações; incorporou modernas técnicas de produção e tornou-se uma das mais produtivas do Brasil.

A relação cidade/campo redimensionou-se graças à interdependência e a subordinação interregional e intersetorial. As atividades agroindustriais implantadas nesse processo, subordinaram a agricultura, transformando-a em extensão da indústria.

“O que está acontecendo é a subordinação da agricultura à indústria, do campo à cidade” (IANNI, 1984, p.161). Com a crescente dominação da indústria sobre a agricultura, os agentes modeladores de ambas relacionam-se de modo a garantir maior acúmulo de capital em todas as fases do processo de produção.

Por fim, com relação aos processos contraditórios e desiguais do capitalismo, devemos entender que eles têm se desenvolvido no sentido de ir eliminando a separação entre a cidade e o campo, entre o rural e o urbano, unificando-os numa unidade dialética. Campo e cidade, cidade e campo, formam uma unidade contraditória. Uma unidade onde a diferença entre os setores da atividade econômica (agricultura, a pecuária e outros, por um lado, e a indústria, o comércio, etc., por outro), vai ser soldada pela presença na cidade do trabalhador bóia-fria do campo. As greves dos trabalhadores do campo são feitas nas cidades (OLIVEIRA, 1997, p.26).

As relações entre campo e cidade mudam em consequência da intensidade da modernização agrícola. As diferenças entre o campo e a cidade se diluem num mesmo processo em que os atores e agentes não se distinguem, personificando-se um ao outro, em consonância com a dinâmica e os interesses da acumulação capitalista.

As lideranças políticas, ao proporem políticas de desenvolvimento, objetivam garantir as condições reais pleiteadas pelos agentes do capital, tanto na cidade quanto no campo.

As decisões de políticas para o setor são tomadas seguindo-se uma orientação que afete não apenas os interesses agrários mas, sobretudo, os urbanos: a agricultura não pode comprometer as metas de desenvolvimento econômico (mantendo uma básica técnica atrasada e, conseqüentemente, produção distante dos percentuais requeridos) e deve permitir o crescimento dos setores industriais a ela diretamente ligados (GONÇALVES NETO, 1997, p.146).

As regiões consideradas atrasadas, ou pobres, são exatamente aquelas onde a modernização do campo não se efetivou, mas cumprem papel importante para o desenvolvimento da economia do Estado. A Microrregião de São Miguel do Araguaia, por exemplo, situada no Noroeste Goiano, é um exemplo clássico que pode ser verificado. Por toda sua extensão territorial pode-se verificar que as atividades produtivas, que incorporaram a modernidade, estão vinculadas à pecuária e se limitam as técnicas de reprodução e melhoramento genético do rebanho bovino, havendo uma

divisão regional da produção. Alguns municípios, como Crixás, se dedicam à produção de bezerros, engordados em Nova Crixás e abatidos em Mozarlândia.

Com o aumento da demanda mundial pelas *commodities* agrícolas, verificou-se, a partir da década de 1970, a expansão da produção de grãos no Cerrado e, a partir de 2005, incrementam-se as lavouras de cana-de-açúcar, estimuladas pelas perspectivas de atendimento da demanda do mercado mundial de energias alternativas e renováveis. Para Santos (2001), a demanda nas exportações são responsáveis pela transformação do uso do solo.

Conforme Calaça (2000), contraditoriamente, os produtos destinados à exportação ou ao processamento industrial estão limitando a produção de produtos destinados ao consumo interno e típicos da agricultura familiar, como o arroz com significativa diminuição de seu cultivo e um substancial aumento da área plantada com soja, a partir da década de 1970. (Gráfico 02).

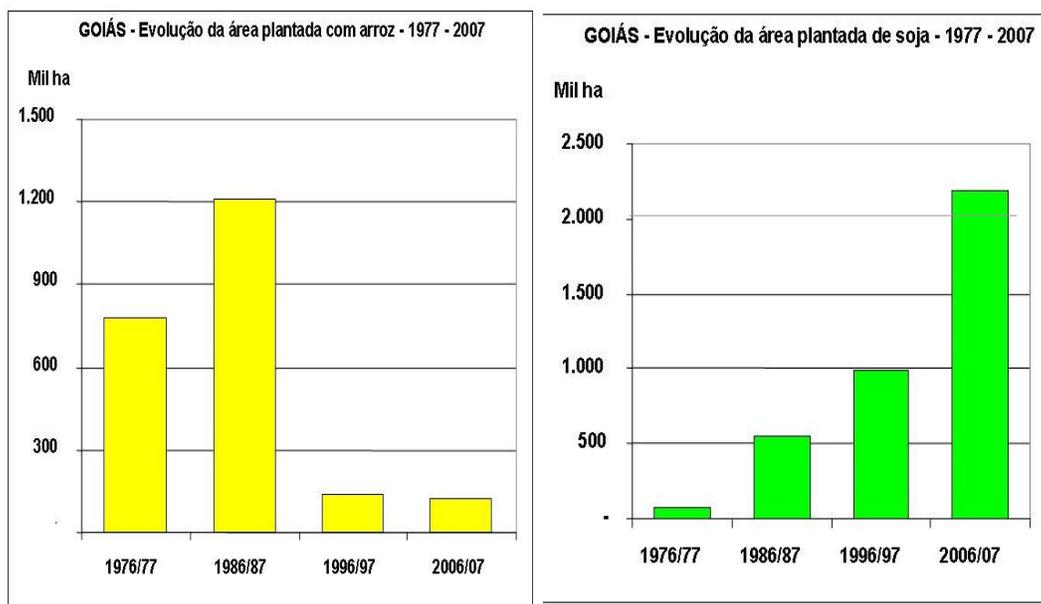


Gráfico 02 – Goiás: Evolução da área plantada com arroz e soja, 1977-2007

Fonte: Companhia Nacional de Abastecimento Brasileira CONAB, 2008.

Disponível em: www.conab.br. Acesso em: 21 de julho 2010.

Elaboração: Calaça, M. e Dias, W.

A dinâmica regional do Estado de Goiás deve ser compreendida a partir dos interesses econômicos do Estado de São Paulo. O desenvolvimento industrial do

Sudeste brasileiro é responsável pela reorientação da distribuição espacial das atividades econômicas em Goiás, promovendo o desenvolvimento das atividades agropecuárias em sua hinterlândia. Estevam (1998, p.65), afirma que

Em síntese, no final do século XIX sedimentou-se no imenso espaço de Goiás um caleidoscópio de população e um intrincado mosaico de relações inter-regionais. Enquanto, pouco a pouco, o centro-sul entrelaçava-se com Minas Gerais e São Paulo, o norte mantinha-se alheio em suas convivências particulares.

As relações estabelecidas entre as regiões de Goiás com outros Estados foram preponderantes na definição do desenvolvimento das aptidões econômicas, pois a incorporação das terras do Cerrado, pelas atividades capitalistas modernas, implementadas a partir da década de 1970 imprimiu uma nova dinâmica socioespacial no Estado de Goiás comandada pelo agronegócio.

A expansão do agronegócio

O Estado de Goiás detém o quarto maior rebanho bovino do Brasil. A expansão das lavouras e a criação de gado implicam em aumento dos desmatamentos e destruição da biodiversidade do Cerrado e a expansão do cultivo da cana-de-açúcar, verificado a partir de 2005, irá pressionar, mesmo que indiretamente, ainda mais as áreas florestadas.

A expansão do agronegócio e das lavouras comerciais resultou em intensificação das correntes migratórias para as cidades como parte das contradições do processo em curso. A produção camponesa, que utiliza a mão-de-obra familiar, foi desarticulada pela modernização do campo em Goiás, sendo esta uma das razões que explica a queda da produção dos alimentos básicos da população como o arroz e o feijão, além de explicar o processo de urbanização crescente. Contraditoriamente, verifica-se o aumento da produção de grãos, da importação de alimentos e a expulsão do homem do campo para a cidade.

A ocorrência das especializações da divisão territorial da produção, embora em algumas regiões se constitua pela ausência da logística, da fertilidade dos solos, dos relevos dissecados, entre outros, articulados por um processo de desenvolvimento

desigual e combinado, em outras regiões, mais dotadas de logística, com um relevo plano ou suavemente ondulado, propício à mecanização, a economia expande-se via investimentos públicos e privados no plantio de produtos requisitados pelo mercado industrial.

A crescente divisão do trabalho em todas as atividades econômicas traz consigo a oportunidade de emprego de maquinaria cuja potência, velocidade e precisão multiplicam o rendimento do esforço humano. A especialização não só torna possível a adoção de equipamentos de capital, como facilita mudanças para melhor organização e tecnologias mais produtivas. O resultado consiste em elevar a produtividade da terra, capital e trabalho. À medida que deslancham esses processos, unidades produtoras individuais mudam da auto-suficiência para a dependência sobre mercados tanto no tocante à venda de sua produção quanto à compra de matérias-primas de serviços de fator que usam (JOHNSTON; KILBY, 1977, p.51).

Alguns autores afirmam que a intensificação da mecanização da produção agrícola guarda extrema dependência ao processo de industrialização. Em Goiás observa-se que as atividades agrícolas mudam de sentido e passam a ter outra conotação, pois os novos usos da terra, constituem um entrelaçamento entre produção agrícola e produção industrial, um exemplo é o município de Rio Verde, no Sudoeste Goiano.

A lógica do agronegócio difunde-se entre os agricultores, tanto pequenos quanto médios e grandes, com exceção àquele segmento articulado aos movimentos sociais mais avançados, como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra - MST. A ação e movimento do capital mobiliza e articula os produtores para atender a demanda crescente da produção agroindustrial.

A modernização econômica, juntamente com a técnica, viabilizou a união da produção primária com a secundária, consolidando uma interdependência da agricultura com a indústria. Evidentemente a agricultura, nas regiões mais desenvolvidas do Estado, é pensada como um ramo da indústria. Nessa perspectiva, verifica-se uma complexa atividade produtiva em Goiás, no sul de Goiás, com grãos, agroindústrias, montadoras de automóveis e máquinas agrícolas etc.

Segundo Abramovay (1998), a maneira como o capitalismo se agrega a indústria toma o setor agroindustrial como ponto de fundição, o que Kautsky, (1998) denomina

de “industrialização da agricultura”. O desenvolvimento desta integração acarreta expropriação de terras do pequeno produtor.

Santos (2008) considera que o pequeno produtor é o segmento que mais sofre com a modernização. A tendência é o fortalecimento do grande produtor com a incorporação das inovações tecnológicas na produção agropecuária. A concentração das terras é uma realidade, pois o pequeno produtor, em meio às dificuldades, vende suas terras e migra para as cidades, ou até mesmo torna-se trabalhador temporário da grande propriedade.

Dessa forma, não estão diante da expropriação inevitável pelo avanço das relações capitalistas de produção no campo, mas sim no seio de um processo contraditório. Assim, ao mesmo tempo que o subordina mais, promove o seu deslocamento territorial, abrindo espaço no Sul para a continuidade e possibilidade da concentração de terras para uma fração de camponeses que têm acumulado riquezas neste processo, e, conseqüentemente, vêm abrindo no espaço distante a possibilidade de acumulação (OLIVEIRA, 2001, p.72).

A atual situação da agricultura no Estado de Goiás traz consigo as contradições inerentes ao modo capitalista de produção, pois os fortes vão acumulando e os fracos sendo expropriados. A agricultura familiar está evadindo para o agronegócio. Esta é a lógica da inserção do capital no campo, pois cada vez mais, os camponeses deixam de ser trabalhadores para si, para serem proletariados no campo ou nas cidades.

Do Cerrado para o cerrado⁴: preâmbulos do espaço de produção

A biotecnologia estabeleceu as condições objetivas para a apropriação capitalista do Cerrado. Verifica-se a substituição da vegetação nativa e da fauna por espécies (vegetais e animais) exógenas, que empobrecem a biodiversidade do Cerrado. Observa-se nas regiões do Estado, onde os investimentos em capital são menores, maior riqueza em biodiversidade, como no norte Goiano.

A territorialização ocorreu e está ocorrendo de forma diversa e altamente seletiva, configurando “ilhas de modernidade” nas áreas de Cerrado, sendo que as diferenças espaciais foram acrescidas de técnicas modernas, apresentando qualificações distintas. Há que se conhecer de forma mais acurada a realidade geográfica goiana, com o intuito de perceber a natureza da modernização e as ações decorrentes para os sujeitos sociais envolvidos na produção social. (MENDONÇA, 2004, p.174).

O norte carece de elementos infraestruturais, devido a isso sua produtividade agrícola é mais baixa que a do sul, conservando uma economia tradicional, embora tenha uma concentração fundiária significativa. A modernização dos meios de produção das áreas no Cerrado é espacialmente diferenciada. As disparidades regionais da territorialização do capital estão intimamente associadas ao processo histórico, cuja acumulação das práticas do homem viabilizam as características e determinações dos espaços produzidos pela sociedade (CARLOS, 1992).

Das transformações ocorridas pela apropriação e uso do solo surgem uma reestruturação na ordem normativa da produção, onde as políticas públicas atuam fortemente como propositoras de tais modificações. Chaveiro e Calaça, (2008, p.291-292) ao analisarem o desenvolvimento desigual de Goiás destacam que,

[...] essa desigualdade, além de demonstrar a força do centro hegemônico nacional, esclarece que as políticas públicas devem agir para aumentar os índices de desenvolvimento das regiões mais pobres, pois a livre iniciativa da economia segue apenas o padrão hegemônico, impondo sobre o território o que lhe convém, segundo as leis do custo e da lucratividade, usando geralmente os critérios locacionais, as densidades técnicas, a oferta de mão-de-obra e as possibilidades de fluxos dos lugares.

O Cerrado tem significado especial para o Estado de Goiás em razão da expressão territorial de suas fitofisionomias. Ocupa cerca de 25% do território nacional, sendo o segundo maior bioma brasileiro, abrangendo as regiões Centro-Oeste, Norte, Nordeste, Sudeste e uma pequena área na região Sul, no estado do Paraná. (Imagem 1).

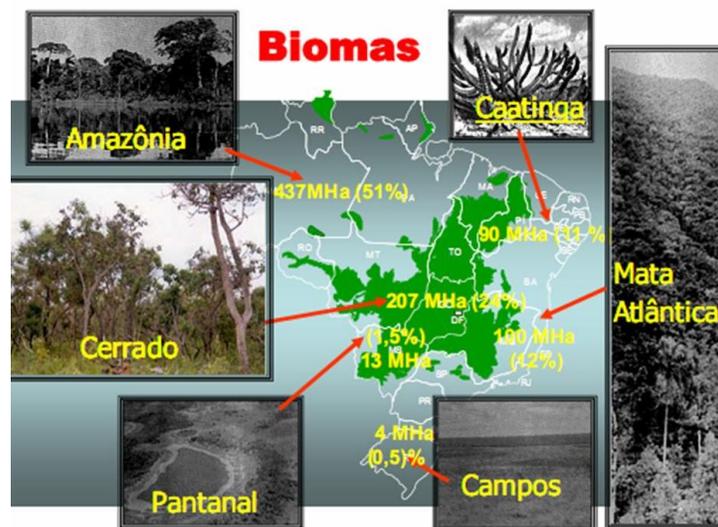


Imagem 01 - Distribuição do Cerrado pelas regiões brasileiras
Disponível do Site: www.agencia.cnptia.embrapa.br
Acesso em: 03 ago.2008 às 22h:33min.

Segundo Ferreira (2008, p.11), o Cerrado tem um núcleo no Planalto Central do Brasil e pode ser conceituado como,

[...] uma formação tropical constituída por vegetação rasteira, arbustiva e árvores, formadas, principalmente, por gramíneas coexistentes com árvores e arbustos esparsos, ou seja, englobando os aspectos florísticos e fisionômicos da vegetação sobre um sol ácido e relevo suavemente ondulado, recortado por uma intensa malha híbrida, formando uma paisagem única e diferenciada da savana, portanto, um bioma único.

Embora o solo do Cerrado por um longo período tenha sido considerado impróprio ao plantio, com a aplicação dos conhecimentos agrônômicos tornou-se altamente produtivo. Isso só foi possível com o advento de corretivos, que neutralizam o excesso de acidez, acompanhado da aplicação de calcário e nutrientes através de fertilizantes químicos. Dessa forma o Cerrado vai sendo *serrado* para realizar as demandas da expansão capitalista.

Com a ocupação do Cerrado, no início da década de 1970, com o incentivo governamental e adoção da mecanização, a vegetação nativa começou a ser derrubada. Essa ocupação proporcionou uma gradativa mudança de paisagem, principalmente na cobertura vegetal. Monoculturas, sobretudo de plantas anuais como a soja, o arroz e o milho, ocuparam áreas extensas na época chuvosa e, na época seca, os solos avermelhados sem qualquer cobertura vegetal proporcionavam uma paisagem de deserto (ALMEIDA et al, 1998, p.1).

A agregação de valor à terra possibilitou ganhos de capital aos empreendimentos capitalistas, com o agronegócio. A extensão territorial da vegetação nativa vem sendo reduzida à medida em que avançam os investimentos de capital. Destrói-se, assim, um importante repositório de genes naturais e conhecimentos populares produzidos e acumulados ao longo do tempo.

O Cerrado, ao ser desmatado para atender à demanda do mercado, sofre profundas alterações e desequilíbrios. A fauna é eliminada pela destruição dos habitats, pela contaminação por agroquímicos aplicados nas lavouras, por atropelamentos nas rodovias, quando os animais tentam atravessá-las em busca de água e comida.

A flora perde suas características ao ser substituída por espécies exóticas, uniformizando assim as paisagens pelas monoculturas. E por último, causa efeitos irreversíveis à população pela alteração de sua identidade e de seu endereço simbólico.

A agricultura familiar, praticada pela população do Cerrado, tem sido gradativamente engolida pelo agronegócio e pelas agroindústrias, o exemplo de Goiás ilustra esse fato (Gráfico 03).

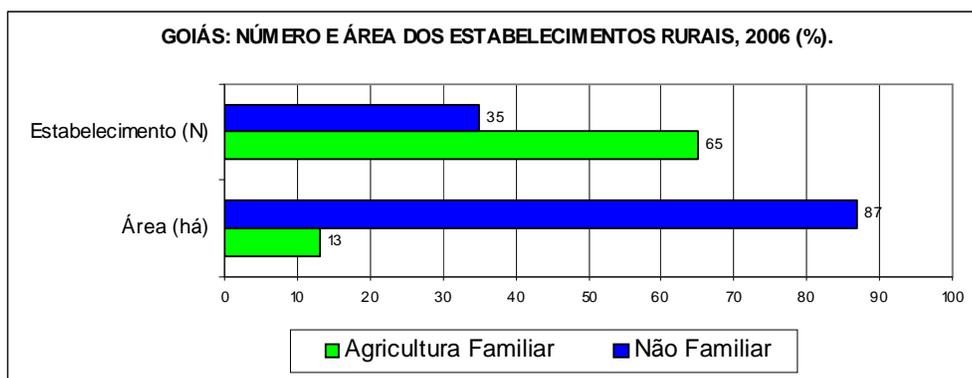


Gráfico 03 – Goiás: número e área dos estabelecimentos rurais, 2006 (em %).

Fonte: Censo Agropecuário, 2006.

Org. Manoel Calaça, 2009.

A agricultura familiar ocupa apenas 13% da área dos estabelecimentos, mesmo sendo 65% do número, apesar do aumento dos assentamentos rurais ocorridos em Goiás não houve significativos avanços em termos de aumento do número e da área ocupada, por esse segmento de produtores.

No que tange à produção agrícola, verifica-se que a maior contribuição da agricultura familiar é na produção de arroz e mandioca (Gráfico 04), utilizadas na alimentação da família.

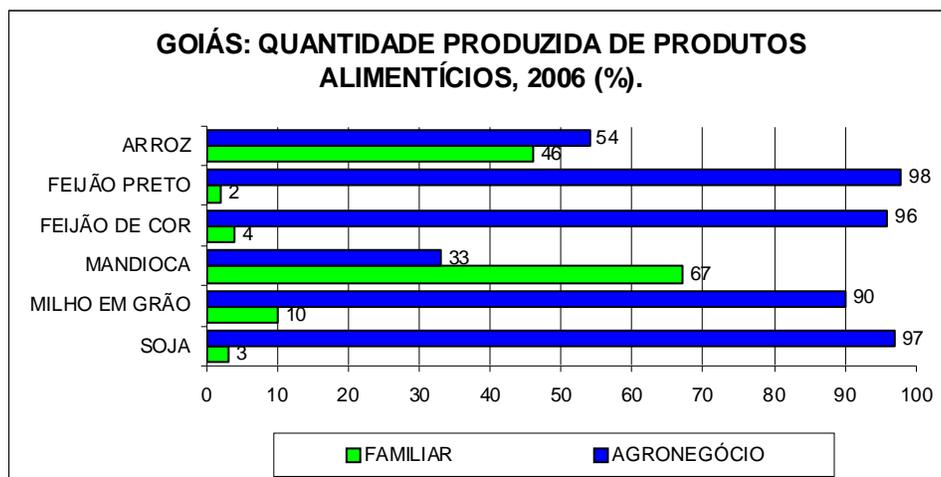


Gráfico 04 – Goiás: Quantidade produzida alimentos, segundo o tipo de produto, 2006 (em %).

Fonte: Censo Agropecuário, 2006.

Org. Manoel Calaça, 2009.

Quanto à criação de animais (Gráfico 05), os dados refletem o modelo de integração agroindustrial que exclui a produção familiar do processo de produção, especialmente de aves e suínos para os frigoríficos graças ao modelo empresarial adotado, tendo em vista atender aos critérios de eficiência e lucratividade das empresas do setor de aves e suínos.

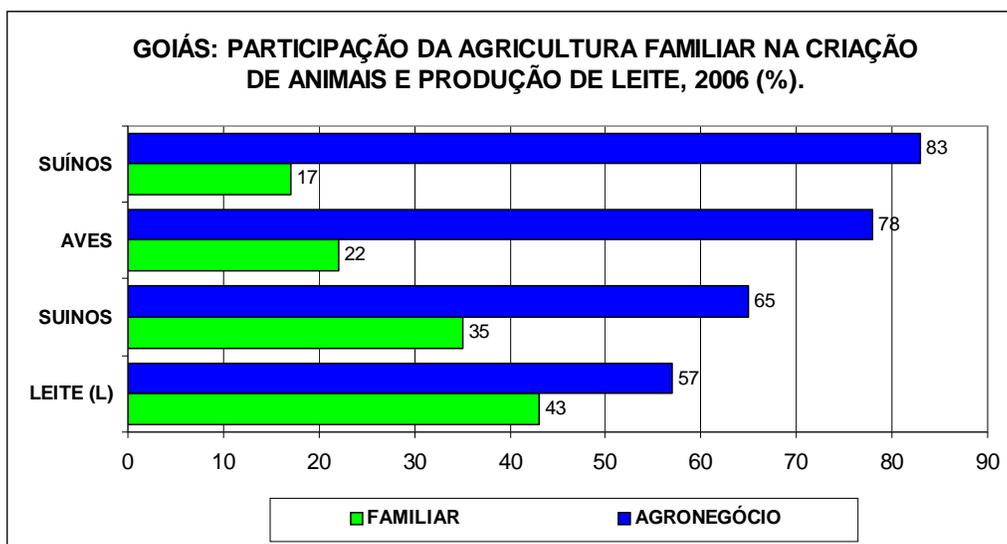


Gráfico 05 – Goiás: Participação da agricultura familiar na criação de animais e produção de leite, 2006.

Fonte: Censo Agropecuário, 2006.

Org. Manoel Calaça, 2009.

No que se refere a produção de leite a contribuição da agricultura familiar é mais expressiva, pois há para esse produto incentivo das empresas, das cooperativas etc. Além do mais, o leite possibilita um certo nível de capitalização do produtor, gera renda mensal e contribui para a alimentação da família.

Analisar a contribuição da agricultura familiar na produção agrícola do Estado exige aprofundamento das reflexões e críticas à metodologia de coleta dos dados, bem como dos conceitos utilizados, o que será feito em outra oportunidade.

Percebe-se que a participação da indústria na produção agrícola e seus impactos na agricultura familiar são oriundos das especulações do capital e sua acumulação, promovendo falsas necessidades e reais investimentos, que paulatinamente se expande em forma de demanda, designado pelo mercado.

[...] foi a indústria quem criou as condições técnicas e científicas para a existência da nova agricultura racional; foi ela que revolucionou a agricultura através das máquinas e do adubo artificial, dos microscópios e dos laboratórios químicos, contribuindo, dessa maneira, para a superioridade técnica do grande estabelecimento capitalista sobre o pequeno estabelecimento agrícola (KAUTSKY, 1998, p.263).

O processo de industrialização potencializa a agricultura, introduzindo no Cerrado a lógica da produção e reprodução ampliada do capital. Há, portanto, uma total reestruturação nas áreas do Cerrado promovidas pelo movimento e ação do capital, através da indústria.

Considerações finais

A pesquisa concentrou-se no processo de uso, ocupação e apropriação do Cerrado para uma compreensão do atual desenvolvimento econômico de Goiás. O Sudoeste goiano enuncia uma modernização do setor agrícola, que traz mudanças radicais na conduta dos produtores, que tentam a todo custo atender os interesses do mercado. Dessa forma o Cerrado deixa de ser natural para se transformar em técnica. Assim as políticas territoriais ganham espaço, caracterizando uma dinâmica modernizadora no Estado de Goiás.

Nota-se que Goiás diferencia-se regionalmente quanto à sua divisão territorial do trabalho. O Cerrado de Goiás, que foi reconhecido, é justamente o Cerrado que incorporou trabalho e técnica, tornando-se palco de disputa do agronegócio. Entretanto a região Sul se manifesta pelo reconhecimento do Cerrado como espaço de produção, que de seu estado natural passou a ser um recurso para a reprodução do capital. Já a região Norte não incorporou as modernas tecnologias, preservando as riquezas e belezas de sua biodiversidade e tem a economia dinamizada pela pecuária.

Nessas condições, pode-se perceber que Goiás está cindido pelo movimento do capital, impulsionado pelas técnicas, trilhando um calendário baseado na ciência e no conhecimento, intensificando a produção, que vai aos poucos “serrando” o Cerrado. O outro Goiás é aquele em que predomina a economia tradicional e a pecuária, considerado como região atrasada ou pobre. Os modelos de organização socioespacial que se instalam nas diferentes localidades do Estado de Goiás remetem o pensamento de que o agronegócio tende a banir as velhas formas de produção. Uma questão para reflexão: o Norte goiano amortiza o desenvolvimento econômico de Goiás, ou o Sudoeste goiano confunde a imagem real de Goiás?

Notas

¹ Dissertação de Mestrado, de Wagner Alceu Dias, intitulada “ No obscuro do ouro, o brilho do Cerrado: a dinâmica territorial do Município de Crixás-Go”, defendida em 2010..

² Foi considerado para este trabalho os limites territoriais atuais do Estado de Goiás, mesmo para 1970, para efeito de análise comparativa.

³ O termo atrasado empregado aqui refere-se àquelas áreas em que as relações capitalistas não estão consolidadas, em oposição as áreas modernizadas, onde as relações capitalistas são plenamente dominantes.

⁴ O termo serrado foi implementado ao presente artigo com caráter antrópico. Serrado pode ser derivado das queimadas, desmatamentos e depredação da natureza em geral, realçando a ação inconsequente do homem.

Referências

ABRAMOVAY, Ricardo. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. 2. ed. São Paulo: HUCITEC, 1998. 294 p.

ALMEIDA, S. P. et al. **Cerrado: espécies vegetais úteis**. Planaltina: EMBRAPA-CPAC, 1998. 320 p.

BERNARDES, Júlia Adão; FREIRE FILHO, Osni de Luna (Org.). **Geografia da Soja: Br-163: fronteiras em mutação**. Rio de Janeiro: Arquimedes Edições, 2006.

BUAINAIN, Antônio Márcio. **Agricultura familiar e inovação tecnológica no Brasil: características, desafios e obstáculos**. São Paulo: Unicamp, 2007. 238 p.

CALAÇA, Manoel. Modernização da agricultura e dinâmica territorial no sul do Estado de Goiás. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA: **Espaço agrário brasileiro: velhas formas, novas funções. Novas formas, velhas funções**, XV, 2000, Goiânia. Anais... Goiânia: UFG, 2000. p. 372-378.

CALAÇA, Manoel; RODRIGUES, Ana Paula Costa. **A questão da terra em Goiás: uma metodologia para análise espacial e territorial da distribuição da terra**. Goiânia. 2005. Texto inédito.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço e indústria**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 1992. 70. p

CHAVEIRO, Eguimar Felício; CALAÇA, Manoel. A Dinâmica Demográfica do Cerrado: O Território Goiano Apropriado e Cindido. In. GOMES, Horieste. **Universo do Cerrado**. vol. II. Goiânia: UCG, 2008. p. 287-307.

DOLES, Dalísia Elizabeth Martins. **Agricultura em Goiás: Interpretação histórica da economia de Goiás e posicionamento do setor agropecuário no contexto econômico e social da região.** Goiânia: Secretaria de agricultura e abastecimento do Estado de Goiás, 1995. 91 p.

ELIAS, Denise. **Globalização e agricultura.** São Paulo: Edusp, 2003. 400 p.

ESTEVAM, Luiz. **O tempo da transformação.** Goiânia: Editora da UCG, 1998. 275 p.

FERREIRA, Idelvone Mendes. Paisagens do Cerrado: Um Estudo do Subsistema de veredas. In: GOMES, Horieste. **Universo do Cerrado.** vol.I. Goiânia: UCG, 2008. 179 p.

GONÇALVES NETO, Wenceslau. **Estado e agricultura no Brasil.** São Paulo Hucitec, 1997. 245 p.

IANNI, Octavio. **Origens agrárias do Estado Brasileiro.** São Paulo: Brasiliense, 1984. 256 p.

JOHNSTON, Bruce F.; KILBY, Peter. **Agricultura e transformação estrutural.** Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1977. 458 p.

PRADO JUNIOR, Caio. **A questão agrária no Brasil.** São Paulo: Brasiliense, 1979. 188 p.

KAUTSKY, Karl. **A questão agrária.** Tradução de Otto Erich Walter Maas. Brasília: Linha Gráfica, 1998. 401 p.

MENDONÇA, Marcelo Rodrigues. **A urdidura do capital e do trabalho no cerrado do Sudoeste goiano.** 2004. 456 f. Tese (Doutorado), Presidente Prudente – SP: UNESP, 2004.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **A agricultura camponesa no Brasil.** 3. ed. São Paulo. Contexto, 1997. p.164.

_____. **A geografia das lutas do campo.** 10. ed. São Paulo: Contexto, 2001.128 p.

PALACIN, Luis; MORAES, Maria Augusta de Sant'Anna. **História de Goiás.** Goiânia: Imprensa da UFGO, 1975. 125 p.

RANGEL, Inácio. **Questão agrária e crise urbana no Brasil**. 2.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. 266 p.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2001. 471 p.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. 4ª impressão. São Paulo: Edusp, 2008. 384 p.

_____. **Metamorfose do espaço habitado**. 6. ed. São Paulo: Edusp, 2008. 132 p.

_____. **O espaço dividido**. 2. ed. 1. reimp. São Paulo: Edusp. 2008. 433 p.

_____. **O espaço do cidadão**. 7. ed. São Paulo: Edusp, 2007. 169 p.

SCHWARTZMAN, Simon. **Pobreza, exclusão social e modernidade: uma introdução ao mundo contemporâneo**. São Paulo: Augurium. 2004. 239 p.

SEPLAN/SEPIN/Secretaria do Planejamento e Desenvolvimento. **Anuário Estatístico do Estado de Goiás. 2008**. Disponível em <http://www.seplan.go.gov.br/sepim/>.

***Recebido em 25/11/2009**

Aceito para publicação em 17/06/2010